

RESUMO EXPANDIDO**O autismo feminino e a máscara da sociedade: uma análise da construção da mulher na sociedade e sua invisibilidade no transtorno do espectro autista.**

Luana Pinheiro Raimundo, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil
Anne Marry Ribeiro Pelloso Piurcosky, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil
Hanna Aparecida Gomes Alves Martins, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil, hanna.martins@grupointegrado.br

INTRODUÇÃO

A invisibilidade da mulher é um fenômeno histórico e social que é manifestado há décadas. Mulheres são constantemente ocultadas da sociedade, menosprezadas, privadas de protagonismo e vivem em um mundo onde a “toda a sua história foi escrita por um homem” (Beauvoir, 1970, p.15). Diante desta invisibilidade histórica, lamentavelmente, as mulheres continuam a luta por um movimento que conquiste espaço na sociedade, rompa com estruturas que sustentam a desigualdade de gênero e acabe com ideias e opressões sexistas (Hooks, 2018).

Nesse contexto, tal apagamento também se evidencia na área da saúde, especialmente quando se trata de transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este transtorno é caracterizado especialmente por déficits na comunicação e interação social, sendo diagnosticado principalmente em indivíduos do sexo masculino, com uma predominância mais frequente em meninos do que em meninas (DSM-V, 2014). Em vista disso, mulheres são constantemente subdiagnosticadas e diagnosticadas tardiamente, o que revela, não apenas a camuflagem social que as mulheres sofrem, mas também os padrões comportamentais impostos e esperados pela sociedade em relação às meninas (Beck et al., 2020).

Desse modo, o trabalho tem como foco realizar uma revisão de literatura sobre a análise histórica e social da invisibilidade feminina no Transtorno do Espectro Autista, bem como compreender as formas que essa ocultação prejudicou - e ainda prejudica - estudos sobre o autismo e o campo de estudos de gênero.

MÉTODO

A pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica de caráter explicativo, que visa analisar a invisibilidade da mulher na sociedade, especialmente no transtorno do espectro autista, bem como os impactos desta ocultação.

Visto ser uma revisão de literatura, não houve escolha de universo e amostra. As técnicas de pesquisa foram baseadas por artigos científicos, livros e publicações acadêmicas, coletadas nas bases de dados CAPES e SciELO ("mulheres"), ("autismo"), ("invisibilidade").

REVISÃO DE LITERATURA

Ao longo dos séculos a construção da mulher na sociedade ocorreu por muitos fatores determinantes. Ser mulher não é apenas biológico, mas atravessa muitos paradigmas sociais, culturais e políticos. Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo*, traz reflexões essenciais sobre como a mulher ao longo de sua existência foi colocada na posição do outro, ela diz que: "O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro" (Beauvoir, 1970, p. 10). Mediante a isto, compreende-se que a mulher é definida pela forma que o homem a determina, não sendo considerada um sujeito independente e autônomo.

As diferenças na forma de como a criança é instruída e ensinada também terá como um dos agentes as questões relacionadas ao gênero. Beauvoir, em seu texto, relata que a forma como as crianças enxergam o mundo é da mesma maneira, porém, conforme elas crescem e se relacionam com a sociedade, a forma de educar passa a se transformar, onde começa a ser esperado que a menina apresente características de fragilidade, calma, delicadeza e bondade, o que difere ao que é ensinado aos homens. Aos homens, é comumente esperado e ensinado que eles desfaçam de suas emoções, foquem apenas na razão e demonstrem coragem e força (Beauvoir, 1967).

Sendo assim, a autora Pâmela Pongan (2025, p. 212 e 213.) retrata de forma explícita esse conceito em seu artigo, dizendo que: "o anseio de vida da mulher é a liberdade ao longo de sua existência, tanto na forma de conduzir sua vida quanto de ser o que se deseja." Necessariamente é importante salientar o quanto a existência feminina foi aos poucos perdendo o seu protagonismo, colocando-a como inexistente, à sombra de algum sujeito masculino. Infelizmente isso ainda está presente em todos os aspectos e vivências singulares da mulher, principalmente quando se trata da forma de como vai se comportar. Beauvoir afirma que quando a mulher demonstra comportamentos que são agressivos ou tem violência e o homem, quando se apresenta de maneira suave e bondosa, ocorre, para ambos os casos, a desaprovação da sociedade, pois, aquilo que foge do esperado e definido pela sociedade é considerado inapropriado (Pongan, 2025).

O transtorno do espectro autista de acordo com a American Psychiatric Association (2014) relata que a predominância do diagnóstico é no gênero masculino, tendo a chance de quatro vezes mais o manifesto de sintomas do que no gênero feminino. Nele se constata na área de Questões Diagnósticas Relativas ao Gênero que nas meninas [...] "manifestação mais sutil das dificuldades sociais e de comunicação." Esse dado traz questionamentos sobre a questão do diagnóstico feminino e como se torna complexo realizar as investigações para fechar o laudo de TEA. A Dra. Gina Rippon explica em uma entrevista para a revista CNN (2025) que, a dificuldade

que se encontra para que se consiga realizar um diagnóstico se dá pela forma de como o olhar está apenas voltado para o comportamento masculino. Ela afirma: "Se as meninas vieram com um comportamento desordenado semelhante, a ideia de que poderia ser autismo simplesmente não surgiu." (Rippon, 2025).

Ademais, ela cita três formas que o autismo se apresenta no período da infância da menina que se diferencia das formas que estão presentes no menino. Primeiramente, ela traz que quando a menina apresenta timidez e ansiedade social, não é tratado como algo fora do comum, o que se fosse um menino apresentando essas características haveria um olhar de alerta e preocupação. Em seguida, retrata que a forma como a angústia aparece para as meninas é diferente para os meninos, pois, quando ela surge, elas têm a tendência de reprimir os seus problemas, o que se apresenta também pela forma de como a menina é ensinada a lidar com suas emoções. Já no caso dos meninos, ao lidar com a angústia, eles apresentam um comportamento mais agressivo e explosivo, ou seja, é notável quando eles apresentam isso. Por fim, ela traz sobre como as meninas conseguem se camuflar, se adaptar às situações e ao sofrimento. Esse tipo de situação é denominado pelo termo de camuflagem social (Rippon, 2025).

Apesar desse conceito de mascaramento social ser capaz de se apresentar em ambos os gêneros, pesquisas apontam que a predominância é no gênero feminino, especialmente no nível 1 de suporte (Autismo e realidade, 2022), onde se apresenta de três formas: compensação, mascaramento e assimilação. A primeira diz respeito à imitação de comportamentos e falas e à criação de um roteiro de possível interação social. A segunda, é quando o indivíduo controla suas expressões faciais e corporais, de modo a não demonstrar o esforço feito na interação social em que está presente. Por fim, a terceira forma, é quando a pessoa desenvolve estratégias de adaptação e atuação em determinadas situações, com objetivo de parecer naturalmente integrado à interação social (Autismo e realidade, 2022).

Estes aspectos causam exaustão, tanto psíquica quanto física, pois gera no indivíduo uma alta exigência para que se consiga mascarar os comportamentos do espectro autista, o que resulta em crises emocionais com grande frequência e mais sofrimento psíquico. Sendo assim, há muitos prejuízos na vida dessa pessoa, visto que afeta todos os âmbitos em que o indivíduo está inserido, como o ambiente familiar, escolar, laboral e social, bem como suas interações. O artigo de Teixeira (2023), evidencia a partir de entrevistas, como esses prejuízos implicam no cotidiano de mulheres diagnosticadas tardiamente com TEA. A pesquisa, que contou com quatro participantes, revelou que todas, desde crianças, sofrem com ansiedade, depressão, dificuldade de se sentir pertencentes no ambiente familiar e em grupos sociais, isolamento, questionamentos sobre suas existências e problemas na autoestima. Também, três revelaram ter ideações suicidas desde novas. Além disso, as quatro participantes relataram que, antes do diagnóstico, elas utilizavam os mecanismos de camuflagem. Porém, a falta de conhecimento dos profissionais da saúde sobre esses sintomas prejudica o diagnóstico final, resultando em diversos laudos equivocados, com outros transtornos identificados ao invés do TEA, sem investigar o que realmente está gerando sofrimento (Autismo e realidade, 2022).

Esse fator da dificuldade de diagnóstico não está ligado apenas à questão da forma que o transtorno se manifesta, mas vai para além disso. De acordo com, Fernandes *et al.* (2025) uma das maiores complicações que se apresenta é o viés metodológico, ou seja, há poucos estudos relacionados ao transtorno do espectro autista em mulheres, prejudicando totalmente a forma de se investigar e fechar laudos. Há também, o fator cultural de como a mulher deve ser e se sentir mediante a sociedade em que se está inserida. Comumente, a mulher precisa apresentar em seus sintomas, comportamentos mais complexos para terem seu diagnóstico, o que notoriamente não está relacionado ao diagnóstico do gênero masculino (Fernandes *et al.*, 2025). Valeska Zanello (2018) em seu livro *Saúde mental, gênero e dispositivos*, revela que: "trata-se de uma pedagogia dos afetos ou colonização afetiva, pois os contextos culturais provêm também às pessoas scripts de como devem sentir e expressar emoções" (ZANELLO, p. 32, 2018), refletindo, em como a cultura influi sobre a forma de agir, pensar e sentir da mulher na sociedade, trazendo reflexos de negligência, inferioridade e também da falta de atenção à saúde psíquica da mulher, causando mais sofrimentos e diagnósticos errôneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, entende-se o quanto é ensinado e colocado para o homem aspectos de autoridade, autonomia e poder, ao contrário do que se estabelece nas leis e na cultura propriamente dita: a escolha e privação da liberdade feminina. Dessa forma, as mulheres sofrem prejuízos em todos os âmbitos de suas vivências, sendo, muitas vezes, colocadas em lugares de inferioridade, onde são censuradas, perdendo sua voz por apenas serem quem são.

Mediante ao que foi apresentado no decorrer do texto, a nossa atenção também deve ser voltada para como a construção da mulher no ambiente social traz consequências na forma de como os sintomas relacionados ao Transtorno do Espectro Autista aparecem no decorrer de sua vida, sendo muitas vezes invalidado, descartado e ignorado, silenciando todo um sofrimento psíquico e a busca por compreensão da identidade dessas mulheres.

É importante salientar que, a invisibilidade do diagnóstico no gênero feminino não está relacionado apenas a um fator técnico, porém é um reflexo de como as estruturas históricas moldam as percepções do que é esperado para uma mulher. A prática do mascaramento social, como foi apresentado anteriormente, embora consiga trazer uma adaptação socialmente aceita de como deve ser um comportamento feminino, torna um preço muito alto para as mulheres, pois, resulta em impactos negativos a sua saúde mental, percorrendo um caminho exaustivo.

Portanto, faz-se necessário trazer que a Psicologia, enquanto uma ciência e profissão, deve avançar na desconstrução dos vieses de gênero que ainda permeiam os manuais diagnósticos e a escuta clínica. Surgindo a urgência de que as formações e pesquisas acadêmicas futuras incluam a perspectiva interseccionalidade reconhecendo que os scripts culturais de gênero são fatores determinantes no sofrimento psíquico (ZANELLO, p. 32, 2018). Entretanto, somente a partir de um olhar sensível às subjetividades femininas e livre de estereótipos masculinos, será realmente possível realizar um diagnóstico correto, que dê a liberdade e promova uma escuta verdadeira, ao se desprender das amarras de uma construção social.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, mulher, sociedade e comportamento.

AGRADECIMENTOS: Gostaria de por meio deste agradecer a instituição Centro Universitário Integrado pela oportunidade de poder participar de um evento tão motivador e inspirador.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5ªed. Porto Alegre: Artmed, 2014

AUTISMO E REALIDADE. **Camuflagem social x diagnóstico de TEA no público feminino**. [S. l.], 25 fev. 2022. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2022/02/25/camuflagem-social-x-diagnostico-de-tea-no-publico-feminino/>. Acesso em: 01 de abril, 2026.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4ªed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970

BECK, J. S. et al. **Looking good but feeling bad: “Camouflaging” behaviors and mental health in women with autistic traits**. Autism, v. 24, n. 4, 2020

FERNANDES, Caroline Melo et al. **Os impasses do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em mulheres: uma revisão integrativa**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 6, p. 4569-4582, 2025.

HOLCOMBE, Madeline. **Why autism in girls is often overlooked and how to get support**. CNN, 2 abr. 2025. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2025/04/02/health/autism-in-girls-wellness/index.html>. Acesso em: 01 abr. 2026.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

PONGAN, Pâmela. **O conceito de mulher na sociedade a partir de Simone de Beauvoir**. Revista Faz Ciência, v. 27, n. 45, p. 208-223, 2025.

TEIXEIRA, Ana Paula da Silva. **Impactos do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista em mulheres**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018

